

Caderno de Resumos

**XVI ENCONTRO DE HISTORIOGRAFIA
LINGUÍSTICA
2024**



Realização

Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH-USP)

Apoio

Departamento de Linguística

Programa de Pós-graduação em Linguística

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

O centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH-DL-USP), coordenado pelas professoras Cristina Altman e Olga Coelho Sansone tem o prazer de realizar o XVI Encontro de Historiografia Linguística, que ocorrerá nos dias 06, 07, 08, 11 e 12 de novembro de 2024.

O XVI Encontro de Historiografia Linguística do CEDOCH-DL-USP será totalmente on-line e reunirá participantes, especializados(as) em diferentes temáticas, com projetos de iniciação científica, conclusão de curso, mestrado, doutorado e pós-doutorado em andamento ou concluídos.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alessandra Nicolini

Anna Beatriz Oliveira Tavares

Augusto Vicente Neto

Camila Carneiro

Everton Mitherhofer Bernardes

Graziela Bassi Pinheiro

Ítalo de Freitas Almeida

Lara Loz Maciel

Luigi Parrini

Maria Aldetrudes de Araújo Moura

Maria Laura Vieira de Castro

Natalí da Mascena de Souza

Pedro Henrique Camargo Freire

COMITÊ CIENTÍFICO

Adrian Pablo Fanjul (USP)

Alessandro Beccari (UNESP)

Bruna Polachini (CEDOCH-FE-USP)

Cristina Altman (CEDOCH-USP)

Eduardo Ferreira (UNILAB)

Ênio Sugiyama (UFOB)

Gissele Chapanski (Instituto Serendipe)

José Bento Cardoso Vidal Neto (CEDOCH-USP)

Julia Lourenço (UNESP)

Leandro Silveira de Araujo (UFU)

Luciano Monteiro (UFSM)

Márcio Guimarães (UFPR)

María Teresa Celada (USP)

Meryane Oliveira (UFPI)

Olivia Yumi (ISESP)

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna (CEDOCH-USP)

Wellington Santos da Silva (UFRJ)

PROGRAMAÇÃO COMPLETA DISPONÍVEL EM

<https://cedoch.fflch.usp.br/xvi-encontro-de-historiografia-linguistica-2024>

CONTATO

cedoch@usp.br

GABELENTZ, SAUSSURE E HERMAN PAUL OU, A QUESTÃO DO PIONEIRISMO EM HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Cristina Altman (CEDOCH-USP)

Uma das questões mais comuns dirigidas a um historiógrafo da linguística, na verdade, ao historiógrafo de qualquer disciplina à vocação científica, diz respeito àquele que propôs pela primeira vez determinada ideia, ou que inventou tal método, ou que descobriu um fato relevante. A comunidade de praticantes de determinada ciência se sente órfã até que alguém do seu passado seja identificado como o primeiro que mostrou a todos a direção a seguir: este será o 'pai' da matéria, o mito a ser reverenciado pelas gerações que o sucederem. Não acontece diferente no caso das ciências da linguagem. Dependendo da perspectiva com que o linguista se aproxima do passado da sua disciplina, seu herói terá sido Franz Bopp (1791-1867), Ferdinand de Saussure (1857-1913), ou Noam Chomsky (n.1928). Na presente fala, revisito o conceito de pioneirismo em historiografia linguística através dos argumentos de dois titãs da linguística dos séculos XIX e XX: Eugenio Coseriu (1921-2002) e E.F.K. Koerner (1939-2022). Ambos divergiram apaixonadamente sobre quais teriam sido as fontes que inspiraram o então moderno pensamento saussuriano. Minha argumentação se desenvolve através do questionamento dos conceitos de 'fontes', 'influência', 'clima intelectual' e 'exemplar', enquanto ferramentas descritivas à disposição do historiógrafo.

OS ESTUDOS DO CONTATO LINGUÍSTICO NO BRASIL A PARTIR DO MAPEAMENTO DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA DA REVISTA PAPIA

Eduardo Ferreira dos Santos (UNILAB)

A nossa comunicação tem como objetivo apresentar um mapeamento prévio da produção científica publicada no periódico acadêmico *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* no intervalo temporal de 2011 (ano da publicação do volume 1 da Revista) a 2020 (ano da publicação do último número, ou volume

30). Considerando a Linguística Brasileira e as pesquisas desenvolvidas desde sua consolidação em nossas universidades na década de 1960, não podemos, portanto, ignorar o papel dos periódicos científicos da área que começam a ser divulgados como um instrumento de produção e comunicação da comunidade científica. Trabalhos como os de Altman et al. (1995), Coelho (2020) e Coelho, Nóbrega e Alves (2021) apresentam um mapeamento da produção linguística dos periódicos sob a responsabilidade do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), um dos fóruns coletivos responsáveis pelo fortalecimento da área de estudos da linguagem no Brasil e da institucionalização da linguística brasileira (Coelho, 2020). Se a princípio os periódicos estão voltados para uma proposta integradora das diversas especialidades e unificada da produção linguística no país, formando um grupo de especialidade, não seria estranho que, posteriormente, e paralelamente, outros periódicos, dessa vez mais específicos e direcionados a uma das subáreas da Linguística desenvolvidas no Brasil, surgissem e explicitassem novos grupos de especialidades. Na década de 90, é lançada a Revista PAPIA, periódico voltado, exclusivamente, à divulgação dos estudos acerca do contato linguístico. Assim, a partir de algumas categorias usadas como núcleos descritivo-analíticos (Coelho, Nóbrega e Alves, 2021) e que nos fornecem informações externas e internas dos textos coletados, o mapeamento da produção linguística da Revista PAPIA pode nos auxiliar na caracterização dos estudos do contato linguístico (e suas diversas temáticas) no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia linguística; Linguística brasileira; Contato linguístico; Mapeamento linguístico.

ROMAN JAKOBSON PARA ALÉM DA TEORIA DAS FUNÇÕES DA LINGUAGEM: RENOVAÇÃO DO INTERESSE A PARTIR DE UM GRUPO DE PESQUISA SUL-NORDESTE DO BRASIL

Silvana Silva (UFRGS)

Roman Jakobson (1896-1982), o linguista russo radicado nos Estados Unidos, ou ainda, o 'homem orquestra' na feliz expressão de Dosse (1998), é um linguista com extenso legado a ser explorado no Brasil, dentro de uma perspectiva que resgate, no domínio linguístico, e porque não historiográfico, a dimensão de sua obra. Nesse

esforço, destacamos o trabalho da historiadora linguística, Cristina Altman que, no livro *A guerra fria estruturalista* (2021), traz contribuições para a releitura da obra jakobsoniana e surge como guia, desde 2023, para o Grupo de Pesquisa *Viver entre línguas*, projeto interinstitucional que congrega o Instituto de Letras da UFRGS (Rio Grande do Sul) e o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP (Pernambuco) em torno da leitura do legado de Jakobson. Nesta apresentação, nos centraremos em torno do tema das relações entre a língua e outros sistemas linguísticos, o que chamamos de 'face semiótica' de Jakobson. Assim, nosso objetivo é expor o entendimento do pesquisador do que seria o viés semiótico da linguagem bem como o viés interdisciplinar da linguagem e, com isso, argumentar que Roman Jakobson é um linguista de envergadura 'geral', podendo ser visto como um linguista geral. Nos deteremos na análise dos textos *Quests for the essence of language*" (1965), *"A Glance at Development of Semiotics* (1974) e *"A few remarks on Peirce, a path finder in the Science of Language"* (1977) para demonstrar como Jakobson dialoga tanto com a perspectiva europeia quanto com a norte-americana de semiótica. Apesar de determinadas publicações iniciais, que segundo Sériot (2016) atrelariam Jakobson a um viés nacionalista e culturalmente marcado, examinaremos como as publicações de Jakobson após os anos sessenta se posicionam em relação ao projeto europeu de uma linguística universal sem perder de vista o desenvolvimento da linguística norte-americana. Argumentaremos que Roman Jakobson pode e deve ser lido no Brasil como um linguista que vai muito além da teoria da comunicação. Ele é visto como um pioneiro na definição de fonema e na própria Fonologia, entre outros russos. Utilizaremos tanto textos da publicação francesa quanto alguns textos da publicação inglesa de Jakobson, focando no período em que ele já estava estabelecido nos Estados Unidos. Finalizaremos a apresentação argumentando que a obra de Jakobson, quando analisada sob uma perspectiva historiográfica, revela uma profundidade e uma influência que vão além das interpretações tradicionais.

Palavras-chave: Roman Jakobson; Semiótica; Interdisciplinaridade; Historiografia da Linguística.

AS CONTRIBUIÇÕES DE LEODEGÁRIO AMARANTES DO AZEVEDO FILHO À LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Marco Aurelio Cardoso Moura (FE-USP)

Este trabalho pretende expor as contribuições de Leodegário Amarantes do Azevedo Filho à linguística brasileira, por meio da análise da obra *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa* publicada em 1971, momento em que a linguística começa a ser institucionalizada no Brasil. Tendo em vista que o professor Leodegário Amarantes foi um importante representante da filologia brasileira, chama atenção sua disposição em investigar e, aparentemente, reconhecer os estudos estruturalistas como uma linha de pesquisa relevante a ser aplicada no Brasil. Nesse sentido, nosso objetivo é responder a duas questões suscitadas pela leitura do livro: a) Qual o objetivo do autor ao publicar essa obra? b) Como essa obra dialoga com o trabalho de Joaquim Mattoso Câmara e seu lugar na linguística brasileira? Para responder a primeira questão, o livro foi contextualizado em seu período de publicação, situando-o nos debates do campo dos estudos da linguagem no Brasil. Em seguida, analisamos elementos peritextuais e sua estrutura composicional. Para a segunda questão, selecionamos o capítulo 10 intitulado: Sistematização da Linguística no Brasil e buscamos compreender a forma como o autor expôs os paradigmas estruturalistas presentes nos *Princípios de Linguística Geral* de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Essa análise foi orientada pelos estudos de Coelho (1998) e Altman (2021). De forma geral, Leodegário Amarantes produziu um trabalho que contribuiu para maior divulgação e compreensão do estruturalismo, sobretudo por estudantes de letras e professores, a quem o livro é direcionado. Além disso, o livro pode ser considerado relevante para a historiografia linguística, pois busca fazer um exercício de encadear a obra de J. Mattoso no contexto de produção linguística mais amplo, promovendo ao público brasileiro um conhecimento mais abrangente dessa disciplina.

Palavras-chave: Linguística brasileira; Estruturalismo; Língua portuguesa.

APONTAMENTOS SOBRE O PROGRESSO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS OBRAS DE MANUEL SAID ALI

Natalí da Mascena de Souza (UEA)

Neste trabalho, objetivamos apresentar a perspectiva do progresso em estudos sobre a língua portuguesa nas obras de Manuel Said Ali (1853-1961), tendo como aporte teórico-metodológico a Historiografia Linguística (HL). Esta comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. As concepções em torno do purismo e do progresso regeram inúmeros trabalhos desenvolvidos no Brasil. Ao longo do decurso gramatical, a concepção de progresso andava em sentido oposto aos preceitos puristas adotados e difundidos por aqueles que estudavam a língua e seus fenômenos. No século XX, Manuel Said Ali apresenta-os de forma recorrente em suas produções. Diante disso, pretendemos analisar de que modo o autor concebe e apresenta o conceito de progresso em excertos de duas de suas obras: *Dificuldades da Língua Portuguesa* (2008 [1908]) e *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa* (1964 [1931]). Para tanto, fundamentamo-nos nos pressupostos expressos em Koerner (1996), Swiggers (2013), entre outros. Koerner (1996) propõe três princípios para a pesquisa em HL: contextualização, imanência e adequação. Esses princípios metodológicos colocam a proposta de análise em um horizonte amplo, de modo a revelar as questões históricas e educacionais que permeavam o período de produção das obras em análise, além de possibilitarem a compreensão de possíveis processos de continuidades e descontinuidades em relação ao conceito nelas apresentados. Esperamos, com esta pesquisa, contribuir para o entendimento e compreensão da conjuntura gramatical brasileira do século XX, a partir da verificação de um conceito importante para os estudos sobre a língua portuguesa.

Palavras-chave: Progresso; Manuel Said Ali; Historiografia Linguística; Século XX.

CONFERÊNCIA - 07/11/2024

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: A PRODUÇÃO DE ANDRÉ CHERVEL

Bruna Polachini (CEDOCH-FE-USP)

André Chervel (1932-) é um linguista francês cuja produção é conhecida no Brasil predominantemente na área de história da educação. Seus textos traduzidos para o português são, em geral, relativos à história cultural da educação e história de disciplinas, a saber: "História das disciplinas escolares - reflexões sobre um campo de pesquisa" (1990), "Quando surgiu o ensino secundário?" (1992) e "As humanidades no ensino" (1999). Entretanto, Chervel é também autor de importantes livros que analisam a história no ensino de francês em longa duração, nos quais há intersecções relevantes com a historiografia linguística, como "Histoire de la grammaire scolaire" (1981) e "Histoire de l'enseignement du français du XVIIe au XXe siècle" (2008). Nesta apresentação, pretendo apresentar o autor e falar um pouco de seus textos que mesclam história da educação e historiografia linguística, trazendo contribuições para as duas áreas.

COMUNICAÇÕES - 07/11/2024

SOCIOLINGUÍSTICA NO BRASIL (1972-2010): UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA A PARTIR DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES DE DOUTORADO

Maria Aldetrudes de Araújo Moura (UFPI)

Este trabalho trata-se de uma pesquisa desenvolvida a partir de pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística (HL) e possui como objetivo maior: apresentar uma narrativa historiográfica do desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil, tendo como base o conhecimento veiculado em dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidas entre 1972 e 2010. Para alcançá-lo, traçamos como objetivos específicos: i) compreender a relação entre os panoramas sócio-histórico, linguístico e educacional brasileiro, adotando como

suporte o *princípio da contextualização* (Koerner, 1996 [1995]), e a institucionalização da Sociolinguística como área de conhecimento no país; ii) mapear os principais *líderes intelectuais* (Murray, 1994) que possibilitaram o início e o desenvolvimento, no Brasil, dos estudos sociolinguísticos; iii) analisar as redes de relações entre pesquisadores e instituições; iv) identificar *continuidades* e *descontinuidades* (Koerner, 1989a) na constituição da Sociolinguística brasileira. Metodologicamente, utilizamos o mapeamento (Coelho; Nóbrega; Alves, 2021) para levantar, organizar e sistematizar os dados, que estão sendo analisados através de parâmetros externos (ano de defesa, autoria, orientação, tipo (Mestrado/Doutorado) e instituição) e internos (título, objeto, abordagem, autovinculação à vertente de estudos sociolinguísticos e interface). Ao todo, mapeamos 558 dissertações e teses, que constituem as nossas fontes primárias de pesquisa. A análise parcial dos dados constatou a presença da Sociolinguística em todas as regiões do Brasil, mas com expressiva disparidade quantitativa: a região Sudeste, principalmente no primeiro período considerado no recorte (1972-1980), foi predominante no desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, e a região Norte foi aquela em que esses estudos aparecem mais tardiamente. Assim, observamos que a consolidação da área no país ocorreu de forma desigual, com a região Sudeste sendo o centro de irradiação.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Sociolinguística brasileira; *Mapeamento*; Dissertações e teses.

O CONHECIMENTO SOCIOLINGUÍSTICO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS

“VEREDAS DA PALAVRA” (2017)

Anna Beatriz Oliveira Tavares (UFPB)
Leonardo Gueiros (UFPB)

Esta pesquisa investiga de que modo o conhecimento sociolinguístico se manifesta na coleção de livros didáticos de *Português Veredas da Palavra* (2017), de Roberta Hernandez e Vima Lia Martin. Assim, elencamos como objetivos: (i) caracterizar, no âmbito da Historiografia da Linguística, a noção de *conhecimento sociolinguístico* como forma particular do *conhecimento linguístico*; (ii) analisar que fenômenos da língua atrelados ao conhecimento sociolinguístico são apresentados e discutidos na

fonte historiográfica selecionada e de que modo essa discussão é empreendida; (iii) identificar as concepções de norma presentes na coleção selecionada e a rede de termos adotada; (iv) interpretar a relação entre o modo que se constrói o conhecimento sociolinguístico na obra analisada, o clima de opinião e a atmosfera intelectual à época de sua publicação. Para tanto, fundamentamo-nos, teórica e metodologicamente, na Historiografia Linguística, apoiados em Altman (2012, 2021a, 2021b), Batista (2013, 2020), Gueiros e Vieira (2022), Koerner (1996, 2014) e Swiggers (1981, 2012, 2013, 2019). Correlacionando as dimensões interna e externa da fonte historiográfica, apoiamo-nos nos princípios da contextualização, da imanência, e da adequação (Koerner, 1996), e analisamos as orientações para o professor e três capítulos da obra - *Variação linguística e preconceito linguístico, Uso do pronome e Concordância nominal e verbal* -; além de condições externas que circunscrevem seu momento de produção e recepção. Os resultados indicam que o material vai de encontro às discussões sociolinguísticas desenvolvidas à época de sua publicação, produzidas na esfera acadêmica e materializadas em diretrizes curriculares e outros documentos oficiais, uma vez que, em seus esforços de conscientização sociolinguística, a obra legitima variedades, problematiza a norma-padrão e a noção de erro, desconstrói o preconceito linguístico e defende o domínio das variedades urbanas de prestígio. Ao mesmo tempo, percebem-se vazios deixados em momentos que permitiriam o aprofundamento de tais reflexões, mas que não são aproveitados para tanto.

Palavras-chave: Conhecimento sociolinguístico; Educação linguística; Historiografia da Linguística; Livro didático de Português.

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS PROVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONCURSOS PÚBLICOS

Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de Moura (UFPB)

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado que observou o tratamento linguístico-gramatical em provas de concursos públicos nacionais, de nível superior e médio, em um intervalo de dez anos (2010-2019). Neste recorte, nos propomos a apresentar fatores sociopolíticos que contribuíram para a atual configuração assumida pelos certames no tocante aos conhecimentos de língua

portuguesa. Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa está situada na Linguística Aplicada, em sua perspectiva transdisciplinar e social aplicada (Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1996, 2013; Celani, 1998), em diálogo com a Historiografia da Linguística (Swiggers, 1990; Altman 2004, Auroux, 2014), uma vez que a natureza dos concursos públicos, em se tratando tanto dos programas de estudo quanto das provas objetivas, será explicada a partir de conceitos desta última área disciplinar, como, por exemplo, dimensão interna e externa (Swiggers, 1990) e horizonte de retrospectão (Auroux, 2014). Isso significa que a configuração dos conteúdos e das abordagens presentes nos programas de estudo e nas provas objetivas será interpretada na relação com a história dos concursos públicos e da disciplina Língua Portuguesa no Brasil do século XX, especialmente no cruzamento com fontes historiográficas que favorecem a compreensão desses instrumentos no presente, como artigos científicos, programas de ensino, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) de 1959 e as primeiras provas realizadas. Nossos resultados indicam que o modelo de análise da língua que se perpetua nos certames é resultado de um conjunto de fatores concorrentes, a saber: (i) a influência direta do modelo gramatical tradicional, elaborado e modificado ao longo dos anos; (ii) a continuação do programa inaugurado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP); (iii) o atendimento aos cursos preparatórios e aos programas de ensino instaurados em meados da década de 1950; (iv) a influência da NGB; e (v) o modelo de gramática desenhado após a NGB no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Concursos públicos. Língua Portuguesa. Historiografia Linguística.

OS PRIMEIROS MANUAIS BRASILEIROS DE INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA: A DÉCADA DE 70

Pedro Henrique Camargo Freire (CEDOCH-USP)

A presente comunicação busca socializar os resultados de pesquisa, em nível de mestrado, sobre os manuais de introdução geral à linguística. Dessa forma, optou-se por selecionar para esta apresentação os aspectos externos da linguística brasileira, durante a década de 1970, observando como a institucionalização da

disciplina ocorreu concomitantemente com a produção destes livros didáticos. (Altman, 2004; Sugiyama, 2020; Batista, 2022). Esse processo envolve a consolidação de cursos de Linguística, em nível de graduação, a criação de associações nacionais de linguistas e a produção dos primeiros manuais de introdução à linguística por parte de professores universitários brasileiros. A nossa hipótese é a de que os manuais podem ser considerados como um outro fator para evidenciar a institucionalização da disciplina, pois, assim como argumentado por Kuhn (1968), a produção manualesca indica que um grupo de pesquisadores não apenas se reconhece como pertencente a uma comunidade científica específica, como também indica as bases epistemológicas compartilhadas por essa comunidade. Assim, analisaremos aspectos externos dos quatro manuais publicados ao redor dessa década: Introdução à linguística (1967), de Francisco da Silva Borba; Introdução à linguística (1973), de Leonor Sciliar Cabral; Fundamentos da linguística contemporânea (1975), de Edward Lopes; e, por último, Manual de Linguística (1979), de Cidmar Teodoro Pais. Dessa maneira, à luz da historiografia linguística, será discutido a divisão dentro dessa linha de pesquisa sobre fenômenos externos e internos, para evidenciar quais são os parâmetros de análise utilizados na pesquisa, dando ênfase, nesta comunicação, aos aspectos externos.

Palavras-chave: Historiografia; Manuais; Linguística.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DO(A) DOCENTE DE LÍNGUA INGLESA: ASPECTOS PEDAGÓGICOS IMPORTANTES PARA ESTUDO DURANTE O PERÍODO DE 1988, MARCADO PELA ATUAL CONSTITUIÇÃO FEDERAL E 2018, MARCADO PELA BNCC

Marília Dias Costa (UFJF)

Esta pesquisa encontra-se em desenvolvimento a nível de mestrado e que passará pela fase de qualificação no atual semestre letivo, e objetiva investigar e refletir sobre a "Historiografia Brasileira da profissão docente", especialmente no que diz respeito ao caminho que percorreu a profissão da professora e do professor de Língua Inglesa nas últimas três décadas. Para isso, a pesquisa envolve o levantamento, seleção e descrição das leis e diretrizes relacionadas desde a Constituição Federal de 1988 (CF, 1988) até a Base Nacional Comum Curricular

(BNCC, 2018[19]), assim como os livros didáticos utilizados dentro da rede pública de ensino básico. O período de análise visa relacioná-lo com os processos de transformações e desenvolvimento das práticas docentes no país orientados por tais normativas, bem como com as representações docente e orientações veiculadas nesses materiais. Para tanto, basear-se-á nos pressupostos de Pierre Swiggers (1990, 2010, 2020) e Konrad Koerner (2018, 2020), essenciais na compreensão dos fundamentos da Historiografia Linguística quanto ao processo de produção de sentidos. Ademais, como observação da prática docente, os conceitos de Yves Schwartz (2010, 2020), filósofo que articula conceitos relacionados ao trabalho por meio da disciplina intitulada Ergologia, fornecerá uma abordagem ergológica capaz de orientar reflexões valiosas sobre as atividades laborais desenvolvidas em uma instituição. O estudo em tela encontra-se em fase de melhor definição da metodologia, adequação às suas necessidades da pesquisa, como revisão da literatura, e procura pelos materiais didáticos. Para esta comunicação serão enfatizados os aspectos de ordem pedagógicos considerados importantes para a prática docente no dia a dia, tais como o currículo escolar. Vale ressaltar que os passos mencionados são essenciais para o prosseguimento que diz respeito ao tratamento e análise dos dados de maneira qualitativa.

Palavras-chave: Profissão docente; Língua inglesa; Livro didático; Representação docente; Aspectos pedagógicos.

CONFERÊNCIA - 08/11/2024

AS CATEGORIAS ANALÍTICAS NA ÁREA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Meryane Sousa Oliveira
(UFPI)

Nesta conferência, busca-se apresentar algumas reflexões acerca de um estudo sobre as *categorias analíticas* mais recorrentes em trabalhos publicados e produzidos por pesquisadores brasileiros na área da Historiografia Linguística (doravante, HL). Como objetivo principal, pretende-se apresentar dados que demonstram como as categorias vêm sendo usadas em textos acadêmicos como teses e dissertações, bem como em artigos publicados por pesquisadores

considerados líderes intelectuais da área. Para além disso, será levada em conta uma discussão sobre as dificuldades de conceituar o que se entende por *categorias analíticas* na HL. A pesquisa contou com um *corpus* constituído por 67 dissertações de mestrado, 31 teses de doutorado (publicados entre os anos de 2005 e 2020) e 228 artigos (publicados entre os anos de 1993 e 2020). O estudo se baseou em discussões oportunizadas por Koerner (2014 [1995]), Altman (1998), Swiggers (2004), Coelho; Nóbrega e Alves (2021) e Oliveira (2022). Os dados demonstraram que, na maioria das vezes, não há uma definição ou explicitação do que os pesquisadores entendem por *categorias*, como também não é comum que haja a distinção entre o que se entende por princípio, por parâmetro, por metodologia etc., termos que se apresentam de forma recorrente em diversas pesquisas em HL e que, quando utilizados, colaboram para a composição desse referido quadro de trabalho. Por fim, faz-se importante esclarecer que esta fala não tem a pretensão de tentar definir quais *categorias* servem à HL nem definir o que se deve entender por *categoria analítica* na área, mas, sim, promover um debate sobre um aspecto que merece a atenção dos historiógrafos por se constituir como um recurso metodológico relevante, que auxilia na organização e no desenvolvimento de uma pesquisa.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Categorias analíticas; Artigos; Dissertações; Teses.

COMUNICAÇÕES - 08/11/2024

LATIM MEDIEVAL: UMA PESQUISA EPI-HISTORIOGRÁFICA

Alessandro Beccari (UNESP)

Segundo Cornacchia (1979, p. 149 apud Traina; Perini, 1998, p. 30), Antonio Gramsci afirmou: “Non si imparava il latino e il greco per parlarli, per fare i camerieri, gli interpreti, il corrispondenti commerciali. Si imparava per conoscere direttamente la civiltà dei due popoli [...]”. O Latim Medieval foi a língua escrita internacional da Europa ocidental por quase mil anos. Há um número considerável de conhecimentos produzidos pela Linguística Histórica Românica acerca do Latim Medieval, a partir do séc. XIX: Wilhelm Meyer-Lübke (1914 [1901], p. 22), Antoine

Meillet (1938 [1928], p. 279-284), Mariano Bassols de Climent (1945), Leonard Robert Palmer (1954, p. 181-205) discutiram o latim escrito da Idade Média; e já os linguistas medievais, como Petrus Helias (c. 1100-1166), Tomás de Erfurt (fl. 1310) e Juan Rodríguez de Caracena (fl. 1427), tiveram de lidar com diferenças notáveis entre a Língua Latina usada em sua época e o Latim Clássico. Nesta apresentação, discutiremos uma pesquisa de viés epi-historiográfico, atualmente em andamento, sobre gramáticas históricas, léxicos, manuais de sintaxe e outros materiais metalinguísticos que se encontram no acervo de uma biblioteca universitária e se relacionam com o Latim Medieval. Apresentaremos os primeiros resultados dessa pesquisa, cujo objetivo é a produção de uma bibliografia e fichas descritivas das obras estudadas. A base teórica e a metodologia incluem o princípio da imanência de Koerner (1989) Koerner & Asher (1995), e, de modo especial, a epi-historiografia, chamada de “ramo lateral da historiografia” por Swiggers (2010, 2013), bem como as discussões de Altman (2004, 2009), Law (2003) e Fernandes (2010, 2012), respectivamente, como aporte metodológico da pesquisa documental, contribuições para a historiografia da gramática latina e o ensino do latim na Idade Média, em particular, no âmbito latino-português.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Epi-historiografia; Acervo; Latim Medieval.

A ETIMOLOGIA (ANTIGA) DE AULO GÉLIO (125-180 D.C.): UMA ANÁLISE DE PASSAGENS SELECIONADAS NAS NOITES ÁTICAS

Raphaella Nasser Rodrigues (UFJF)

A obra *Noites Áticas* de Aulo Gélio (125 a 180 d.C.) apresenta uma diversidade temática entre seus vinte livros. Acerca destes, destacamos a presença de comentários gramaticais do autor sobre neologismos e o resgate de arcaísmos por falantes em sua época. Robins (1979, p. 37-39) aparenta sugerir que, ao olhar para o autor latino Varrão (116 a 27 a.C.), a “etimologia histórica” não trabalha sob a perspectiva de uma dimensão diacrônica, e sim de um modo fantasioso ou ingênuo. Nosso objetivo é refletir e analisar as reflexões etimológicas de Gélio, para propor uma história possível sobre seu pensamento etimológico. Propomos, então, observar a possibilidade de explorar este último por meio da Historiografia

Linguística (HL). Assim, enquanto metodologia, voltamo-nos à HL, principalmente ao entendimento de sua importância científica contemporânea em relação à etimologia. Por estarmos na fase de leitura do quadro teórico, lastreamos nossa pesquisa sobre as reflexões etimológicas de Gélio a partir dos princípios de Koerner (1989; 2014), inicialmente acerca da contextualização e, posteriormente, da imanência e adequação. Portanto, queremos discutir, por exemplo, de que forma intelectuais romanos, como Gélio, recebiam influências filosóficas, sua formação gramatical e como esses fatores determinavam ideias sobre usos de neologismos e arcaísmos. Desde Crátilo de Platão, existem debates sobre a origem, formação e funcionamento das palavras, tal qual “natureza vs. convenção” e “analogia vs. anomalia”, que contribuem à etimologia antiga. Por intermédio das traduções de Noites Áticas por Cecato (2005) e Seabra Filho (2010), trazemos à luz exemplificações sobre questões gramaticais que têm impactos socioculturais na Antiguidade, como a semântica da diferenciação de gênero ou o que determina semanticamente quais objetos serão considerados de direito em questões variadas e outras morfológicas do latim (Robins, 1979, p. 38-40). Assim, a partir da HL, conseguimos apreender aspectos sociais e históricos da reflexão etimológica na antiguidade.

Palavras-chave: Aulo Gélio; Noites Áticas; Historiografia Linguística; Etimologia Antiga.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE SINTAXE PELA LINGUÍSTICA BRASILEIRA (1968-1987): PERCURSO EPI-HISTORIOGRÁFICO INICIAL

Emily Gonçalves de Medeiros Ferreira (UFPB)

Este trabalho integra uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga a produção do conhecimento sobre sintaxe pela Linguística brasileira no período de 1968 a 1987. A pesquisa toma como fontes primárias artigos e ensaios que tematizam a sintaxe (em interface ou não com outros níveis linguísticos) publicados em periódicos científicos brasileiros ao longo desses 20 anos. Trata-se de um estudo descritivo e interpretativo situado na Historiografia da Linguística, disciplina cientificamente fundamentada que busca resgatar e registrar a história do conhecimento sobre a linguagem (cf. Koerner, 1996, 2014; Swiggers, 2013, 2019).

Nesta comunicação, será apresentado o percurso epi-historiográfico (Swiggers, 2010) trilhado na primeira fase da pesquisa, em que mapeamos periódicos brasileiros publicados a partir de 1968 que abrigam estudos linguísticos em seus respectivos escopos. Essa iniciativa, de pretensão exaustiva, teve o propósito de fornecer uma visão abrangente dos espaços de circulação da pesquisa linguística no país, contribuindo para a historiografia dessa produção intelectual, e de orientar, em etapa posterior, a seleção definitiva das fontes primárias desta investigação: artigos e ensaios publicados entre 1968 e 1987, de natureza teórica, descritiva ou pedagógica, que se apresentem como reflexões, pesquisas ou propostas de investigação sobre sintaxe. Três critérios principais foram estabelecidos para o mapeamento de periódicos: a) filiação a instituições brasileiras; b) veiculação de estudos sobre língua e linguagem; c) publicação de volumes a partir de 1968, marco do processo de solidificação institucional da Linguística brasileira em diferentes espaços do país (cf. Altman, 2003). Como resultado, identificamos 514 periódicos, dos quais 468 estão disponíveis, total ou parcialmente, para consulta online e 46 estão indisponíveis. Acreditamos que esse levantamento reúne um repertório amplo e variado dos espaços de desenvolvimento e circulação dos estudos linguísticos sobre sintaxe na contemporaneidade e, por princípio, daquilo que tem sido legitimado pela comunidade acadêmica no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia da Linguística; Linguística brasileira; Periódicos científicos; Sintaxe.

UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DOS ESTUDOS EM SEMÂNTICA FORMAL NO BRASIL

Rivanildo da Silva Borges (UFPI)

O presente trabalho é um projeto aprovado e em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI, nível doutorado, que utiliza o aparato investigativo da Historiografia Linguística a fim de compreender o percurso dos estudos semânticos brasileiros, especificamente da semântica de cunho formal. A questão que buscamos responder é como o percurso desde a chegada da pesquisa em Semântica Formal ao Brasil, passando por sua consolidação, até os anos 2020 justifica sua presença no rol de estudos linguísticos

na atualidade? Nosso objetivo é construir uma narrativa historiográfica sobre a produção, circulação e recepção do conhecimento no escopo da Semântica Formal no Brasil entre o final dos anos 1970 e os anos 2020. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa exploratória, de natureza bibliográfica com base nas noções de: programas de investigação (Swiggers, 1981), grupos de especialidade teórica (Murray, 1994), continuidade e descontinuidade (Koerner, 1989; Altman, 2021) e clima de opinião (Becker, 1971; Batista, 2013). Tomamos como ponto de partida as bases para uma história da semântica formal das línguas naturais lançadas por Borges Neto, Müller e Pires de Oliveira (2012) e, a partir disso, constituímos o corpus da pesquisa com artigos, dissertações e teses publicadas na área, conforme as informações disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, na plataforma Lattes, e no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ. Além de oportunizar o entendimento dos contextos envolvidos no empreendimento científico da Semântica Formal no Brasil, esperamos que a interpretação dos processos que possibilitaram a produção, circulação e recepção dos estudos em Semântica Formal no Brasil favoreça a reflexão acerca das conquistas e das perspectivas dessa subárea da Linguística, bem como de suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Semântica Formal; Ensino de Língua Portuguesa.

A SUBORDINAÇÃO DE ORAÇÕES NA GRAMATICOGRAFIA DE LÍNGUA PORTUGUESA: PLANO DE ESTUDO PARA UMA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA

Fábio Albert Mesquita (UFPB)

Esta comunicação se propõe a apresentar os passos iniciais de uma pesquisa de doutorado que tem como objeto o curso histórico das ideias sobre a subordinação de orações na gramaticografia ocidental, com foco na gramaticografia de língua portuguesa. A pesquisa, que se encontra no primeiro ano de execução, está ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística (cf. Koerner, 2014; Swiggers, 2013, 2019, 2020) e busca elaborar uma narrativa que reconstrua os processos de surgimento, desenvolvimento e sistematização dessas ideias ao longo do tempo. Em virtude do estágio inicial do trabalho, esta

comunicação pretende focar na construção do plano de estudo da pesquisa, que corresponde ao conjunto da base instrumental e da agenda de investigação historiográfica (Gómez Asencio; Montoro Del Arco; Swiggers, 2014). Nesse sentido, busca-se expor os movimentos adotados para a seleção preliminar das fontes primárias (tais como o mapeamento das obras citadas em estudos panorâmicos sobre a gramaticografia de língua portuguesa e a leitura de textos sobre a historiografia da sintaxe na gramaticografia ocidental) e os problemas e objetivos que norteiam o quadro analítico do estudo. Dado o objetivo geral da pesquisa em desenvolvimento, este quadro analítico, em fase de construção, procura contemplar: a identificação do surgimento da subordinação como categoria de análise da oração na gramaticografia ocidental, bem como sua recepção na gramaticografia de língua portuguesa; o mapeamento e a sistematização das redes de metatermos e definições empregadas para tratar da subordinação de orações ao longo do tempo; a análise das relações de continuidade e descontinuidade entre as diferentes formas de abordagem da subordinação de orações; e a análise das relações entre as posturas epistemológicas predominantes nos diferentes períodos históricos da gramaticografia ocidental e as formas de abordagem da subordinação de orações.

Palavras-chave: Subordinação de orações; Gramaticografia; Historiografia da Linguística.

CONFERÊNCIA - 11/11/2024

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

María Teresa Celada (USP)

Nesta apresentação, inicialmente, nos debruçaremos sobre a necessidade de refletirmos acerca da presença das línguas na Universidade no que se refere aos três eixos que constituem seu funcionamento: pesquisa, ensino ou formação e extensão. E, também, sobre o reconhecimento de que as necessidades e demandas desses três segmentos se intensificam ou sofrem reconfigurações no processo de internacionalização que, na atualidade, atravessa o funcionamento das instituições

de Ensino Superior no mundo. Nesse cenário, abordaremos o modo como, nas duas primeiras décadas do século, essa questão foi encarada por nossa Universidade para, finalmente, introduzir as razões que levaram um grupo de docentes da FFLCH e da FEUSP a realizar uma tomada de posição e criar, em 2021, o PoLínguas-USP. Desse modo, apresentaremos as ações levadas adiante incluindo a que se relaciona com prever a institucionalização de um Programa de Desenvolvimento de Políticas Linguísticas para a instituição.

COMUNICAÇÕES - 11/11/2024

O TRATAMENTO DOS ARTIGOS NA GRAMATICOGRAFIA DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL

Laís Vitória Nascimento (UFU)

Este trabalho tem como objetivo principal analisar como se têm tratado e registrado os artigos definidos (*el, los, la, las*) e indefinidos (*un, una, unos, unas*) em gramáticas de Espanhol/Língua Estrangeira (E/LE) destinadas a brasileiros e produzidas ao longo do século XX. Assim, buscamos (i) descrever o processo da descrição dos artigos nas gramáticas de E/LE para brasileiro e publicadas entre os séculos XX e XXI; (ii) comparar a descrição da classe gramatical entre os diferentes períodos analisados; (iii) observar a concepção de norma e língua e o tratamento da variação linguística nas gramáticas selecionadas; (iii) identificar mudanças no processo de gramatização no ensino de E/LE. Para tanto, nos embasamos no referencial teórico da Historiografia da Linguística (Swiggers (2013), Batista (2020), Auroux (2014)), da Gramaticografia da língua espanhola (Maquiera (1993), Calero Vaquera (2015)), da Norma Linguística (Aleóng (2011), Faraco (2017)) e dos estudos sobre a determinação e os artigos (Laca (1999), Leonetti (1999), RAE (2011) e Juliá (2006)). Desse modo, esta pesquisa orienta-se por uma abordagem qualitativa e documental voltada à análise de gramáticas. Em um primeiro momento, o trabalho volta-se à coleta das gramáticas representantes do contexto delimitado, seguido pela etapa de análise da estrutura de composição e distribuição dos conteúdos gramaticais. Finalmente, procedemos à análise da seção destinada aos artigos,

passando pela fase de comparação e sistematização dos dados encontrados. Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender como a gramatização da língua espanhola para brasileiros se estrutura e como registra a classe dos artigos.

Palavras-chave: Gramaticografia; Artigo; Classe de Palavras; Língua Espanhola; Língua Estrangeira.

GRAMÁTICAS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E SEGUNDA NA ARGENTINA

Sabina Drumond (UFU)

O objetivo do trabalho é apresentar o projeto de iniciação científica, em desenvolvimento, que visa investigar a produção de gramáticas de espanhol como língua estrangeira e segunda (ELSE), na Argentina, a fim de ampliar o conhecimento e sistematizar informações sobre o funcionamento da produção de gramáticas, entendidas como ferramentas pedagógicas de ensino. Para tanto, o trabalho se baseia na definição de gramaticografía de Swiggers (2019), que a define como atividade descritiva das estruturas gramaticais de uma língua. Além disso, o trabalho toma como referência as teorias de séries textuais, cânone e gramatização, discutidas por Zamorano Aguilar (2022), que examinam a relação entre textos, a influência de obras e o processo de codificação gramatical. Dessa forma, o projeto tem intenção de compreender como se construiu historicamente a produção de gramática para falantes de espanhol como língua estrangeira e segunda na região, além de investigar de que maneira essas obras dialogam com o pensamento linguístico da época em que foram produzidas. O *corpus* de análise da pesquisa se baseia nas gramáticas encontradas nas bibliotecas virtuais de universidades, de diversas áreas, da Argentina. Para isso, foram consideradas apenas as gramáticas às quais tivemos acesso completo. Assim, o presente trabalho, inserido na área de estudo da historiografia linguística, mas especificamente de gramaticografía, pretende apresentar os dados preliminares obtidos a partir dos estudos teóricos e de análises de gramáticas de espanhol como língua estrangeira produzidas e encontradas na Argentina.

Palavras-chave: Gramaticografia; Língua espanhola; Língua segunda; Argentina.

AS FORMAS DE TRATAMENTO NAS GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS CHILENAS DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO

Fernanda Silva Freitas (UFU)

A língua espanhola, em seu sistema de pronomes de tratamento, apresenta formas diferentes para tratar o interlocutor a depender de certos fatores, como o nível de familiaridade ou respeito e o lugar que os falantes ocupam na hierarquia. Esse sistema apresenta relativa estabilidade, não obstante à variação diastrática do emprego de certos pronomes; seu momento de maior mudança foi verificado entre os séculos XVII e XVIII. A localização geográfica dos falantes também determina quais pronomes serão empregados. Dentro do cenário atual de uso, destacam-se as situações de países como o Chile e a Argentina, por serem países *voseantes*, isto é, que empregam alguma forma do pronome *vos* no tratamento de familiaridade/informalidade. Esse panorama de uso se consolida, em ambos os países, durante o século XIX, ainda que se verifique uma avaliação negativa quanto ao emprego de *vos*, especialmente no caso do Chile. O presente trabalho analisa o registro das formas pronominais de tratamento em quatro gramáticas escolares de língua espanhola publicadas nas duas últimas décadas do século XIX (1880-1900), no Chile e na Argentina. Nossa investigação responde à necessidade de voltar os olhos à gramaticografia de língua espanhola desde seu princípio, numa busca por entender mais a fundo como a sociedade de cada época via e registrava o sistema linguístico que utilizava. Para tanto, utiliza-se a metodologia de cotejamento e análise proposta por Pierre Swiggers (2013), com as três etapas de investigação. Assim, a pesquisa teve um primeiro momento de coleta das gramáticas, que será seguido pela etapa de análise da introdução e seção de formas pronominais de tratamento em cada gramática e, finalmente, se dará a etapa de sistematização dos dados encontrados. Nesta comunicação, apresentamos os resultados parciais encontrados durante a análise das gramáticas chilenas. Este trabalho recebe fomento da FAPEMIG.

Palavras-chave: Gramatização; Língua espanhola; Gramática pedagógica; Formas de tratamento.

MOVIMENTOS HEURÍSTICOS DE UMA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA SOBRE A LÍNGUA DO BRASIL EM GRAMÁTICAS ESCOLARES BRASILEIRAS (1961-2000)

Anderson Rany Cardoso da Silva (UFPB)

O presente trabalho consiste na apresentação de um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento. Nesta pesquisa, trabalhamos com duas frentes de análise: i) mapeamento das gramáticas escolares brasileiras publicadas entre 1961 e 2000; ii) análise das diferentes denominações para a língua dos brasileiros apresentadas nestas fontes historiográficas. A investigação busca respaldo teórico-metodológico na Historiografia da Linguística (Koerner, 2014 e Swiggers, 2019; 2020), que tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas, e como objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em diferentes contextos sociais e culturais. Para esta comunicação, apresentamos resultados referentes aos movimentos heurísticos da pesquisa (Swiggers, 2013), que correspondem à busca de informações sobre as fontes e sua disponibilidade, à leitura na íntegra dos instrumentos disponíveis para acesso e à identificação das terminologias relacionadas ao português do Brasil. Para cumprir com esta fase, realizamos consultas em três portais: i) Banco de dados de livros escolares brasileiros; ii) Biblioteca do Livro Didático (BLD); iii) Biblioteca Digital. Além desses acervos públicos e virtuais, consultamos alguns trabalhos de natureza semelhante à nossa pesquisa, desenvolvidos em programas de pós-graduação (Polachini, 2018; Vidal Neto, 2021; Ribeiro, 2021), bem como portais de comercialização de livros novos e usados, como Estante Virtual, Mercado Livre e Amazon. Em vista disso, mapeamos, para a nossa periodização, um conjunto de 28 títulos e 24 reedições, o que resultou em 52 gramáticas escolares brasileiras. Paralelamente a esse trabalho de busca, levantamos outras informações sobre essas gramáticas, como: i) a quantidade de gramáticas publicadas por década; ii) as editoras responsáveis pelas publicações; iii) os locais de publicação (cidades e estados). Entre os resultados, destacamos que a década de 1990 abriga o maior número de publicações; as editoras Scipione e

Moderna foram as mais atuantes na publicação dessas obras; e as publicações se concentraram sobretudo na cidade de São Paulo/SP.

Palavras-chave: Gramáticas escolares brasileiras; Historiografia da Linguística. Português do Brasil.

GRAMÁTICAS E GRAMÁTICOS DA UERJ NA GRAMATICOGRAFIA BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Jefferson Evaristo (UERJ)

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) figura como uma das principais universidades de nosso país, estando frequentemente ranqueada entre as dez melhores do Brasil segundo rankings internacionais como o do Center for World University Rankings (CWUR). Criada em 1950 como Universidade do Distrito federal, a UERJ teve em 1968 a criação do atual Instituto de Letras, por onde já passaram nomes importantes como Clóvis do Rego Monteiro, Olmar Guterres da Silveira, Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Nelson Rodrigues Filho, para citar alguns. Especificamente no quesito “gramáticas e gramáticos”, a UERJ tem significativo número de autores e obras, numa lista que alcança oito autores e que faz seu cenário ser, possivelmente e até onde sabemos, único no país – fato que, sozinho, já poderia despontar como elemento de importância que justificaria nossa investigação. Nossa proposta, a da discussão historiográfica da memória da produção gramatical uerjiana, analisa corpus ainda não investigado e sem reverberação nos estudos acadêmicos do Brasil, o que configura o ineditismo da pesquisa e sua importância. Além disso, nosso estudo vem ao encontro de importante subcampo da historiografia, o da gramaticografia, com resultados que podem oferecer subsídios para futuras pesquisas históricas, linguísticas, filológicas e gramaticais. Assim, com base nos pressupostos de Swiggers (2019; 2013) Batista (2020; 2013) e Kaltner (2023), pretendemos discutir essa produção, situando-a no campo da gramaticografia brasileira (Cavaliere 2014; Vieira, 2018). Os resultados, ainda em construção, apontam para um cenário em que os autores e obras analisados impactaram a produção gramatical dos séculos XX e XXI e são, ainda

hoje, obras de referência, ainda que aparentemente não se influenciem internamente.

Palavras-chave: Gramaticografia brasileira; Produção de gramáticas; UERJ.

CONFERÊNCIA - 12/11/2024

O DEBATE SOBRE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO TAREFA DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Leonardo Gueiros (UFPB/HGEL)

Esta palestra apresenta uma leitura historiográfica do debate sobre ensino de português desenvolvido pela linguística brasileira, tomando como ponto de partida temporal a década de 1960, período em que se inicia sua tardia institucionalização. Defende-se que a profissionalização e a ampliação do alcance da carreira de linguista no espaço universitário brasileiro favorecem o estabelecimento do debate sobre ensino de português como uma das tarefas de uma linguística brasileira de inclinação *aplicada* (cf. Rodrigues, 1966). Nesse cenário, inaugura-se um movimento coletivo cujo principal esforço consiste em repensar o ensino de português, considerando os resultados obtidos pela pesquisa linguística que se desenvolvia no exterior e que passa a se desenvolver no Brasil. Destaca-se, nesse debate, a atuação de dois grupos de especialidade: a *sociolinguística educacional*, que traz para a discussão sobre ensino de gramática uma proposta de pedagogia da variação linguística; e a *linguística de texto educacional*, cujos agentes promotores, ainda que não tenham se reconhecido nesses termos, trouxeram à discussão sobre ensino de leitura e produção textual fundamentos, categorias e terminologias advindos dos estudos em Linguística Textual e áreas correlatas.

ENTRE POLÍMATAS E GRAMÁTICOS: RELAÇÕES ENTRE MNEMOTÉCNICA E PENSAMENTO LINGUÍSTICO NA ANTIGUIDADE OCIDENTAL

Gissele Chapanski (Instituto Serendipe)

O pensamento linguístico na Antiguidade ocidental, emergido da tradição filosófica, teria se consolidado em uma tradição propriamente gramatical por volta do século II a.C. (Matthaios & *alii*, 2011). No bojo desse processo, está um fator tão pouco evidenciado quanto fundamental para a compreensão do modelo de saber metalinguístico do período: a inserção desse conhecimento em um circuito epistemológico pautado pela polimatia e imbricado às práticas da mnemotécnica (Chapanski & Gavioli-Prestes, 2021). Este trabalho procurará justamente apontar os papéis das artes da memória, entendidas como um “sistema de pensar” universalizado que coadunava as diversas disciplinas na conformação do arcabouço de saberes gramaticais do ocidente. Assim, inventários, listas, sequências fixas e demais instrumentos da mnemotécnica (Carruthers, 2011), inicialmente naturalizados como categorias metalinguísticas *per se*, passam a ser compreendidos como parte de um sistema epistemológico antigo, no qual a língua passa então a se inscrever como objeto autônomo. Sob esse prisma, a constituição do pensamento gramatical do ocidente seria menos a inauguração de uma área do que a inserção de um objeto em um sistema prévio, complexo. Isso explicaria parte da aparente obscuridade ou incompletude de definições empregadas, por exemplo, no manual de Dionísio Trácio. Nele, conceitos como o de *stoikhêia* (elementos grafo-fonados) -- compartilhados com a música e a astronomia--, demandariam conhecimento implícito, mobilizável por aqueles que compartilhassem da episteme dos esquemas polimáticos cristalizados sob técnicas de memória. A composição das teias sociológico-cognitivas de conhecimento, sob os moldes concebidos por Amsterdamska (1987), será empregada para demonstrar a viabilidade dessa hipótese de leitura a partir do levantamento de relações textuais entre a gramática de Dionísio (Ed. Uhlig, 1883), seus escólios (Ed. Hilgard, 1901) e as matérias aristotélicas e estoicas. Para tanto, serão comparados e analisados

excertos de estruturas mnemotécnicas concomitantemente verificadas em Dionísio Trácio e outros pensadores do período.

Palavras-chave: Gramática antiga; História do pensamento gramatical; Mnemotécnica.

ASPECTOS PALEOGRÁFICOS NA DETERMINAÇÃO DA ORIGEM DA OBRA *EXCEPTIONES DE PRISCIANO*

Luiz Eduardo Lawall (UFJF)

Esta comunicação trata de um estudo em andamento a respeito da gramática do século X *Exceptiones de Prisciano (EP)*, de origem carolíngia ou anglo-saxã, que auxiliou a introduzir Prisciano (séc. VI) no pensamento gramatical medieval, sendo compilada a partir de excertos da obra desse autor, *Institutiones Grammaticae*. O estudo de determinada obra relevante para a Historiografia da Linguística necessita ter apoio documental, pelo qual se considera elementos como conteúdo, organização, caligrafia, estilo de escrita e comparação de textos, auxiliando a determinar questões como origem, autoria, escola de pensamento, percurso e influência. Observa-se tais elementos claramente nos manuscritos das *EP*, verificando a diversidade em seus três manuscritos existentes, com caligrafia franca e anglo-saxã, *scholia* nesses respectivos idiomas e organização do conteúdo, semelhante à dos manuscritos das *Exceptiones de Arte Grammatica Anglice*, tradução das *EP* por Ælfric de Eynsham (séc. XI). A metodologia empregada terá base na consideração dos elementos documentais da obra para a sua descrição, como menciona Swiggers (2004, 2013), ao tratar do aspecto da *epi-historiografia*, parte importante do processo de pesquisa da Historiografia da Linguística. A base teórica utilizada será a edição das *EP* e um artigo, ambos de Porter (2002, 2008), em que apresenta uma descrição e análise dos manuscritos da obra citada, além da crítica dessas análises em artigo por McGowan (2004) e do artigo de Law (1987). Temos por objetivo, através dos elementos mencionados, reconhecendo os limites da pesquisa, discorrer sobre a origem, possível autoria e percurso das *EP*, especificando a escola de pensamento que a inspirou e sua influência no pensamento gramatical medieval.

Palavras-chave: *Excerptiones de Prisciano*; Epi-historiografia; Carolíngios; Anglo-saxões; Ælfric.

A ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL, NO RECORTE TEMPORAL COMPREENDIDO ENTRE 1549 E 1556: UM ESTUDO SOB A ÉGIDE DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA E DA ECOLINGUÍSTICA

Viviane Lourenço Teixeira (UFF)

A presente comunicação está inserida no campo da Historiografia (da) Linguística (HL) e da Ecolinguística (EL). Entre os objetivos, está o de analisar a “linguagem preconceituosa” (Couto, 2007) e etnocêntrica utilizada em referência às comunidades indígenas, na documentação colonial. As obras *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja* (Barros, 1539) e *Gramática da língua portuguesa* (Barros, 1540) são influentes no clima intelectual do recorte temporal compreendido entre 1549 e 1556, visto que são prováveis fontes para o ensino jesuítico na colônia. A fim de manter a interação com a Ecolinguística e o ecossistema, que é “constituído pelas interrelações, ou interações, entre os organismos de uma determinada área e seu habitat, meio, meio ambiente, biótopo, entorno ou território [...]” (Couto, 2016, p. 211-212), no presente estudo, parte do aporte teórico-metodológico da pesquisa, é composto por Pierre Swiggers (2009, 2013), Ronaldo Batista (2013, 2016, 2019) e Hildo Honório Couto (2007, 2015, 2016). Os estudiosos selecionados, que se destacam em suas respectivas áreas de investigação, foram de grande valia em reflexões que passaram tanto pelos pressupostos da HL quanto da EL e da linha de pesquisa da Linguística Missionária (LM). Incorporar esses campos pertencentes à Sociolinguística faz de nossa pesquisa um trabalho relevante para os estudos de linguagem. Ademais, a investigação foi baseada em uma análise qualitativa de fontes documentais. Assim sendo, sob essa ótica, foi possível comprovarmos que, no processo de alfabetização, os missionários jesuítas estabeleceram, a partir do pensamento linguístico humanístico, uma comunicação intercultural, que tinha por cobertura fazer predominar uma língua de contato gramatizada, em face da diversidade linguística encontrada entre os povos indígenas, a língua do Brasil.

Palavras-chave: Historiografia (da) Linguística; Linguística Missionária; Ecolinguística; Alfabetização intercultural.

O PROBLEMA DA TRADUÇÃO EM TEXTOS DE LÍNGUA MANAO DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Eloan Gabriel Ribeiro Serrão (UFPA)

O *Caderno da Doutrina pella lingua dos Manaos* (Anônimo, 1757) é um manuscrito jesuítico anônimo do período pombalino e é o foco deste trabalho. O Caderno é estruturado em turnos de perguntas e respostas e conta com a interseção de duas línguas (a língua geral e o português, além do manao) em seu corpo. As obras de Auroux (1992) sobre gramatização; Britto (1999), Mancini (2020) ajudam em entender a complexidade do processo de tradução, a invisibilidade e visibilidade do papel do tradutor e tensão entre os pólos, partindo do conceito de tradução em Greimas e Courtés (2008) como base teórica. As obras de Agnolin (2022), Barros (1990; 1995; 2007), Freire (2011), Guzmán (2021), Navarro (2013) e Ramirez (2020) serviram para entender a política linguística colonial, recorte historiográfico do período pombalino, a atuação dos missionários inacianos, uso de verbetes em língua geral e caracterização da família linguística Arawak. O objetivo é comparar conceitos, especialmente cosmológicos entre os textos manao e mostrar suas distinções. Na metodologia, houve coleta dos dados linguísticos e sua inserção em quadros e mostrar suas distinções de grafia e sentido. Também ocorreu a separação dos turnos trilíngues, bilíngues e monolíngues. Foi realizada a leitura das obras historiográficas, dos transcritores do caderno manao e suporte em algumas leituras sobre o processo de tradução. Portanto, ocorre no diálogo manao, a interseção de três línguas e o diálogo entre os autores (missionário e tradutor indígena) se efetua pela língua geral. Com as listas de Spix e Natterer, alguns vocábulos se diferenciam dos encontrados na Doutrina. A HL auxilia no entendimento da ação dos atores imersos no processo colonizador em decurso, culminando num esvaecimento da língua e evento estudado, numa tentativa de interpretar o fenômeno da língua manao em sua transmissão e adaptação (Feitosa; Andrade; Monteiro, 2018).

Palavras-chave: Amazônia colonial; Companhia de Jesus; Diálogo de doutrina manao; Tradução; Viajantes naturalistas.

O SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA INDÍGENA DO BRASIL (1947 - 2000)

Augusto Vicente (CEDOCH-USP)

Este trabalho tem como objetivo explorar o que se entende por uma Linguística praticada com línguas de povos originários. Para isso, especificamente, buscamos compreender qual foi o papel da instituição missionária norte-americana, *Summer Institute of Linguistics*, na história da Linguística Indígena do Brasil. Não há um consenso entre os linguistas brasileiros se a instituição, como se esperava (Faria, 1963), foi capaz de contribuir positivamente para o desenvolvimento dos estudos das línguas indígenas ou se atuou somente a seu favor, na tradução da Bíblia, em outras palavras, se devem ser entendidos como linguistas ou como missionários. Diante disso, propõe-se uma interpretação acerca dos trabalhos da instituição, cotejando categorias interpretativas embasadas nos termos de uma Historiografia Linguística Transatlântica, entre outras. Isso significa explorar um campo de “fenômenos e (...) correlações instauradas pelos contatos populacionais e linguísticos que nele se deram e se dão.” (Coelho; Santos, 2022, p. 2). Para tanto, fizemos um levantamento da disponibilidade dos materiais listados no Arquivo de Língua e Cultura do SIL, com o objetivo de selecionar um corpus de análise. Verificamos que apenas 20% do Arquivo se encontra imediatamente disponível para consulta. Entre esses materiais, estamos realizando um mapeamento (Coelho, 2018), a fim de selecionar um conjunto de trabalhos que possam responder nossas perguntas. Até o momento, temos explorado a hipótese de que os trabalhos entendidos como “Tagmêmica”, possam ser um caminho para entender no que o SIL se diferenciaria da linguística indígena praticada pelos linguistas não-missionários. Ainda, os trabalhos que se autointitulam “Gramática”, apresentam certas diferenças com o que geralmente se esperaria desse gênero. Além disso, propomos entender o debate acerca do estatuto do SIL, a partir das linhas teológica e secular, como proposto por Maldonado-Torres, 2016, aproximado a prática

científica linguística da missionária através do valor de *controle da natureza* (Mariconda, 2006).

Palavras chave: Linguística indígena; Linguística missionária; Decolonialidade.